

O preenchimento de sujeito com verbos climáticos

Natival Almeida Simões Neto

Graduando da Universidade Federal da Bahia, Salvador-BA. Bolsista PIBIC/UFBA de Iniciação Científica. Orientadora: Prof^a Dr^a Edivalda Alves Araújo (UFBA).
e-mail: nativalneto@gmail.com.

Resumo: Com base nos pressupostos da Teoria de Princípios e Parâmetros, proposta por Chomsky nos anos 80, estudos como os de Duarte (1996) e Galves (1996, 2001) têm evidenciado que o português brasileiro (PB) está com tendência ao preenchimento do sujeito. Confirmando essa tendência, são encontradas construções em que os verbos climáticos, como *chover*, *nevar*, *ventar* e *fazer frio*, estão apresentando preenchimento do sujeito, conforme identificado no *corpus* de análise – textos veiculados nas redes sociais e sites informais da Internet. Nessas construções, seguindo a proposta da inversão locativa de Avelar (2009), acredita-se que o sintagma nominal dos verbos climáticos é um locativo que se deslocou para a esquerda do verbo, podendo desencadear a concordância com este, ou seja, é um sujeito.

Palavras-chave: Preenchimento do sujeito; Verbos climáticos; Grade argumental.

Abstract: Based on the Theory of Principles and Parameters, proposed by Chomsky in the 80's, the studies developed by Duarte (1996) and Galves (1996, 2001) have shown that the Brazilian Portuguese (BP) is in tendency to filling in the subject. Confirming this trend, constructions with weather verbs exhibit subject filling, as to rain (*chover*), to snow (*nevar*), to wind (*ventar*) and to be cold (*fazer frio*). This fact was found in the *corpus* chosen to analysis – texts conveyed in informal social networks and sites from the Internet. In these constructions, following the proposal of locative inversion of Avelar (2009), it is believed that the noun phrase is a locative of weather verbs that moved to the left of the verb, where it might trigger agreement with the verb, what implies it is a subject.

Keywords: Filling in the subject; Weather verbs; Argument structure.

1. Introdução

Estudos comparativos entre o português europeu e o português brasileiro, como os empreendidos por Duarte (1996) e Galves (1996, 2001), entre outros, evidenciam que o primeiro licencia o sujeito nulo, enquanto o segundo tende a apresentar o preenchimento do sujeito. As formas de preenchimento do sujeito são amplamen-

te discutidas nos trabalhos de Duarte (1996), principalmente nos casos de sujeitos referenciais. Há, entretanto, algumas formas de preenchimento do sujeito no português brasileiro que merecem destaque, como o que ocorre nos verbos climáticos, objeto de estudo do presente trabalho.

Para esta pesquisa, foram selecionadas frases veiculadas em redes sociais (*Orkut*, *Twitter*, *Facebook*) e seções destinadas ao livre comentário do leitor em *blogs* e *sites*. A escolha desse *corpus* se justifica pela tendência de os textos produzidos nesses espaços, apesar de escritos, apresentarem características da modalidade oral, o que permite analisar uma amostra de língua espontânea, mais aproximada da fala em contextos com menor monitoramento (cf. MARCUSCHI, 2004). Isso garante a autenticidade deste trabalho, pois mostra que as construções realmente existem no português brasileiro contemporâneo. No levantamento de dados nesses sites, foram encontradas com frequência frases do seguinte tipo: “*Algumas cidades nevam no inverno*” e “*Todos os dias choveram muito*”.

Diante dessas construções, foram elaboradas as hipóteses de que esse tipo de preenchimento do sujeito pode ser uma construção de tópico-sujeito, dentro dos propostos de Pontes (1987) e Galves (1998), ou um caso de inversão locativa, baseando-se nos estudos de Avelar (2009).

2. Quadro Teórico

A Gramática Gerativa trabalha com a hipótese inatista no que diz respeito à aquisição da linguagem. Para os gerativistas, o ser humano nasce com a faculdade da linguagem, que é uma parte do cérebro responsável pelas atividades da linguagem. Alguns chegam a falar em órgão da linguagem, como mostra a citação de Chomsky (2000, p. 4-5):

The faculty of language can reasonably be regarded as a “language organ” in the sense in which scientists speak of the virtual system, or immune system, or circulatory system, as organs of the body. Understood in this way, an organ is not something that can be removed from the body, leaving the rest intact. It is a subsystem of a more complex structure. We hope to understand the full complexity by investigating parts that have distinctive characteristics, and their interactions. Study of the faculty of language proceeds in the same way.¹

¹ A faculdade da linguagem pode razoavelmente ser considerada com um “órgão da linguagem” no sentido que os cientistas falam do sistema virtual, ou sistema imunológico, ou sistema circulatório, como órgãos do corpo. Entendido dessa maneira, um órgão não é alguma coisa que pode ser removido do corpo, deixando o resto intacto. É um subsistema de uma estrutura mais complexa. Esperamos compreender a total complexidade investigando partes que apresentam características distintas, e suas interações. O estudo da faculdade da linguagem procede do mesmo jeito [tradução nossa].

A facilidade com que o ser humano adquire naturalmente uma língua pode ser uma evidência da faculdade da linguagem. Dentro dessa seção do cérebro, está a Gramática Universal (GU), que comporta um conjunto de princípios comuns a todas as línguas naturais e o Dispositivo de Aquisição da Linguagem, que propicia a aquisição de uma língua pela criança.

Durante o período da aquisição, a criança é exposta a uma língua, através dos registros de falas que ela consegue ouvir e processar. Esses registros truncados e assistemáticos são chamados de *input*, e por sua vez, o *output*, segundo Scarpa (2001), é o conjunto de regras e estruturas sintáticas que caracterizam a língua e que a criança internaliza durante essa fase da aquisição e certamente, esse sistema de regras irá acompanhá-la até a fase adulta. É a partir disso que surge o conceito de Gramática Internalizada (GI).

De acordo com a Teoria de Princípios e Parâmetros proposta por Chomsky na década de 80, a GU é composta de princípios e parâmetros. Os princípios são as regras compartilhadas por todas as línguas naturais. Os parâmetros, por sua vez, se ramificam de um princípio, sempre com valor binário, pois é uma característica que a língua pode ou não apresentar. Essas noções parecem ficar mais claras quando se analisa o sujeito nas línguas.

Por exemplo, o Princípio de Projeção Estendido (EPP) garante que em toda sentença de qualquer língua no mundo existe sujeito. Porém, há línguas que não realizam foneticamente esse sujeito. É a partir dessa observação que se ramifica o Parâmetro do Sujeito Nulo (PSN), que diz respeito à possibilidade que as línguas têm de expressar ou não plenamente os sujeitos nas orações. As construções com verbos climáticos nas línguas do mundo ajudam na compreensão dessas noções:

- (01) [It] rains. (Inglês)
- (02) [Il] pleut. (Francês)
- (03) [] Llovió. (Espanhol)
- (04) [] Piove. (Italiano)
- (05) [] Chove. (Português)

Aplicando as noções de EPP aos exemplos acima, pode-se perceber que, em todos os casos, existe uma posição reservada ao sujeito, mas só os exemplos em (01) e (02) realizam foneticamente esse preenchimento, o que caracteriza essas línguas como Línguas de Sujeito Preenchido, enquanto os exemplos em (03), (04) e (05) são evidências de Línguas de Sujeito Nulo, que são aquelas que permitem a não realização fonética dos sujeitos nas suas sentenças, principalmente com os verbos climáticos.

A realização de um sujeito está relacionada também à grade argumental dos verbos. Essa grade diz respeito aos argumentos que os verbos selecionam para que suas exigências sintáticas e semânticas sejam satisfeitas. Na Língua Portuguesa (LP), a estrutura dessas grades se apresenta da seguinte forma:

a) Verbos que selecionam um argumento externo e um argumento interno.

São os casos gerais dos verbos transitivos, aqueles que selecionam complementos.

No que tange à relação sintática com os argumentos, esses verbos apresentam um argumento externo com função de sujeito e um argumento interno com função de complemento, que pode ser objeto direto (OD), como em (06), ou complemento oblíquo (CO), como em (07):

(06) [Maria] comprou [uma camisa].

AE = Sujeito AI = OD

(07) [Simone] gosta [de João].

AE = Sujeito AI = CO

b) Verbos que selecionam um argumento externo e dois argumentos internos.

Além do argumento externo na posição de sujeito, esses verbos selecionam dois argumentos internos, sendo um objeto direto e o outro, objeto indireto.

(08) [Lucilene] deu [uma caixa de chocolate] [aos seus filhos].

AE = Sujeito AI = Objeto Direto AI = Objeto Indireto

(09) [Cauã] pagou [a dívida] [a Débora].

AE = Sujeito AI = Objeto Direto AI = Objeto Indireto

c) Verbos que selecionam apenas argumento interno.

Há dois tipos aqui – os existenciais – cujos AIs são um OD e um CO – ou seja, nenhum AI não sobe para a posição de sujeito, ver exemplo (10); e os outros, que não são existenciais, os inacusativos. Esses verbos só selecionam um argumento interno e, em função de não selecionarem argumento externo, ficam impossibilitados de atribuir caso Acusativo (cf. BURZIO, 1986)². Por causa disso, o argumento interno desse verbo sobe para a posição de sujeito, onde recebe o caso Nominativo. É o que se observa no exemplo em (11):

(10) Há [pessoas] [na sala].

AI = OD AI = CO

(11) [O suspeito do crime] apareceu.

AI = Sujeito

d) Verbos que selecionam apenas um argumento externo.

São os chamados inergativos. Nesses casos, o único argumento externo da sentença ocupa a posição de sujeito:

² Apud Silva & Farias (2011)

(12) [A professora] trabalhou muito ontem.

AE = Sujeito

(13) [João] dorme cedo.

AE = Sujeito

e) Verbos que não selecionam argumentos.

São poucos os casos de verbos desse tipo na língua. Pertencem a essa categoria os verbos climáticos, como *chover, relampejar, fazer frio*, entre outros.

(14) [] Choveu.

(15) [] Está relampejando.

Como se pode ver, a função sintática dos DPs está relacionada não só à seleção argumental do verbo, mas também à atribuição do Caso. Há situações em que os verbos não selecionam certos argumentos, mas admitem sintagmas nominais em algumas construções, o que implica que tais sintagmas precisam receber Caso.

3. O sujeito

Conforme os estudos de Duarte (1996, 2007) e Perini (1985, 1995), o sujeito é o termo da oração que desencadeia a flexão do verbo. Como visto nos exemplos de (01) a (05), línguas como o inglês e o francês só liberam construções em que os sujeitos são foneticamente realizados. Para satisfazer essa característica, essas línguas apresentam os chamados sujeitos expletivos realizados, *it* para o inglês e *il* para o francês, nos exemplos em (01) e (02). As outras línguas exemplificadas também apresentam sujeitos expletivos, mas nulos.

Em relação ao português, no que tange ao preenchimento do sujeito, os estudos têm demonstrado que existe um comportamento que diferencia a variedade europeia da brasileira. O português europeu (PE) se comporta como uma língua de sujeito nulo, aproximando-se do espanhol e do italiano. Já o português brasileiro (PB) apresenta uma tendência ao preenchimento do sujeito.

Duarte (1996) aponta que a tendência à marcação plena do sujeito nas orações, apresentada pelo PB, coincide com a diminuição no paradigma flexional verbal, ou seja, as línguas como o espanhol, o italiano e o PE parecem admitir os sujeitos nulos em função de sua morfologia verbal ainda ser mantida, no que diz respeito à relação específica entre um morfema e uma forma pronominal. Tendo o PB perdido essa referência direta, o morfema verbal já não consegue mais ser o fator distintivo para se atribuir o que está concordando com o sujeito, por isso a realização plena do sujeito tem sido necessária.

Sobre esse fenômeno de redução do paradigma flexional verbal, Galves (1993,2001) evidencia a perda da distinção entre a segunda e a terceira pessoa do discurso, no momento em que o PB passou a usar formas marcadas de 3ª pessoa, como

você/vocês para designar funções de 2ª pessoa (*tu/vós*). Duarte (2003) sinaliza outra situação semelhante na concorrência entre a forma de 1ª pessoa do plural *nós* e a forma *a gente* que, apesar de expressar o sentido de 1ª pessoa do plural, tende a admitir a concordância em 3ª pessoa do singular. É o que mostra a tabela 1 a seguir:

Tabela 1: Redução do paradigma flexional verbal no português brasileiro

Pessoa pronominal	Forma inicial		Forma atual
1ª pessoa do singular:	Eu gosto	→	Eu gosto
2ª pessoa do singular:	Tu gostas	→	Você/Tu gosta
3ª pessoa do singular:	Ele gosta	→	Ele gosta
1ª pessoa do plural:	Nós gostamos	→	A gente gosta
2ª pessoa do plural:	Vós gostais	→	Vocês gostam
3ª pessoa do plural:	Eles gostam	→	Eles gostam

Fonte: elaborada pelos autores

É possível ver na tabela 1 que, na segunda coluna (Forma inicial), cada forma pronominal apresenta uma relação direta com um morfema verbal específico. Por exemplo, o morfema *-mos* está relacionado à forma pronominal *nós*, assim como o morfema *-m* está relacionado à forma pronominal *eles*. Na última coluna (Forma atual), entretanto, percebe-se que as formas pronominais de 2ª e 3ª pessoa do singular e a 1ª pessoa do plural passam a concordar da mesma maneira, bem como as formas de 2ª e 3ª pessoa do plural. Dessa forma, o morfema flexional verbal já não diferencia as formas pronominais e estas passam a ser obrigatoriamente realizadas foneticamente.

Essa redução do paradigma flexional contribuindo para a marcação plena do sujeito no PB parece ter se tornado tão frequente que alguns verbos, que não admitiam concordâncias e/ou seleção de argumentos, agora estão apresentando outro tipo de comportamento: estão sendo acompanhados por um sintagma nominal de referência definida, que ocupam a posição de sujeito, desencadeando a concordância com o verbo. É o caso de construções com verbos climáticos que, no PB, têm realizado concordância com o sintagma nominal que o antecede.

4. Os verbos climáticos

Os verbos climáticos, com exemplos vistos em (14) e (15), são os verbos que estão relacionados aos fenômenos meteorológicos e, sintaticamente falando, tendem a se realizar sem a presença de argumentos já que não os selecionam. Apesar disso, esses verbos costumam ser realizados com um adjunto adverbial, geralmente preposicionado, que pode apresentar noções de tempo, frequência, intensidade e, mais frequentemente, lugar (locativo). É o que mostram os exemplos em (16) e (17):

(16) [] Choveu [ontem] [em Salvador].

TEMPO LOCATIVO

(17) [] Faz frio [demais] [aqui].

INTENSIDADE LOCATIVO

Em face da tendência ao preenchimento do sujeito no PB, são encontradas construções em que os verbos climáticos parecem concordar com os sintagmas nominais que os antecedem. Tal fato também foi observado por Berlinck, Duarte e Oliveira (2009, p. 143):

As sentenças com verbos relativos a fenômenos da natureza são raras em amostras do tipo analisado, mas a observação da fala espontânea revela uma tendência a preencher a posição à esquerda do verbo com um SAdv ou SP locativo ou temporal, às vezes sem a preposição, ou ainda um demonstrativo.

A seguir, as referidas autoras apresentam os seguintes exemplos em (18) a (21):

(18) [Lá/em São Paulo] tem chovido demais.

LOCATIVO

(19) [São Paulo] chove. [O Rio] faz sol. (Fala de rádio)

LOCATIVO LOCATIVO

(20) [O carnaval] choveu? (Fala espontânea)

TEMPO

(21) [Petrópolis] é uma coisa! [Aquilo] chove demais. (Fala espontânea)

LOCATIVO

As construções em (18) a (21) permitem observar a tendência ao preenchimento da posição de sujeito, com um sintagma nominal ou preposicionado à esquerda do verbo. E em função disso, esses sintagmas tendem a desencadear a flexão do verbo. Essas construções permitem também confirmar a tendência que os verbos climáticos apresentam de se realizarem junto a um locativo. É o que mostram os exemplos em (18) e (19). Em (20), o exemplo mostra a possibilidade de se realizar com um advérbio de tempo. E, por fim, o exemplo em (21) mostra a possibilidade de um sujeito pronominal preencher a posição pré-verbal de um verbo climático, ainda que o pronome *Aquilo* esteja vinculado ao *Petrópolis*.

Vale lembrar que os dados apresentados pelas autoras foram retirados do *corpus* NURC referente às décadas de 80 e 90. Mais de 20 anos já se passaram e o que se espera é um aumento na frequência dessas construções. Nessa perspectiva, esta pesquisa se desenvolveu para verificar a ocorrência dessas construções em redes sociais (*Twitter, Orkut, etc*) e seções destinadas à livre opinião do leitor em sites de jornais, revistas e blogs. Esses espaços foram escolhidos para *corpus* de análise porque se aproximam de um registro vernáculo, reproduzindo características do texto oral e espontâneo.

Os dados encontrados na pesquisa confirmam a tendência de preenchimento, fato já identificado por Berlinck, Duarte e Oliveira (2009), mas, ao que tudo indica, com uma quantidade maior. É o que pode ser visto nos exemplos em (22) a (24), que foram encontrados e selecionados para esta pesquisa e reforçam também a tendência de os verbos climáticos serem realizados com sintagmas locativos, como em (22) e (23), mas podendo também haver possibilidades com sintagmas de tempo, como em (24), ambos os sintagmas na posição de sujeito.

(22) [Natal] faz sempre sol, mesmo que chova. (Yahoo Respostas)

LOCATIVO

(23) Nem [todos os locais do Nordeste] fazem calor. (Orkut)

LOCATIVO

(24) [Os meus últimos quatro aniversários] choveram muito. (Twitter)

TEMPO

Em todos os casos apresentados de (22) a (24), nota-se que o sintagma locativo ou temporal, quando deslocado para uma posição preposta ao verbo, tendem a desencadear a sua flexão e se comportam como um sujeito, dentro das propostas de Duarte (1996, 2007) e Perini (1998). Ressalta-se também que a possibilidade de esses verbos apresentarem um sujeito preenchido, mesmo não dispondo de posição argumental, está possivelmente ligada ao fenômeno de topicalização, que será explicado na seção a seguir.

5. O tópico

Os exemplos em (22) a (24) parecem envolver construções chamadas de tópico, mais especificamente de tópico-sujeito. Segundo Pontes (1987), essas construções são licenciadas no PB, pois se trata de uma língua com proeminência de sujeito e de tópico.

Para Araújo (2009, p. 232), o tópico é “um sintagma nominal, lexical ou pronominal que se realiza numa posição geralmente deslocada à esquerda, na camada externa da oração, o CP (RIZZI, 1997), em torno do qual é construído um predicado ou comentário”.

O tópico deslocado à esquerda, de uma forma geral, não é obrigado a concordar com o verbo na oração, como pode ser visto em (25) e (26):

(25) Sanduíche, eu prefiro de atum.

(26) Carne, eu não como, porque sou vegetariano.

Porém, há casos em que o tópico desencadeia a flexão do verbo, comportando-se como o sujeito da oração, como em (27) e (28):

(27) Os jogadores estão crescendo o cabelo (ARAÚJO, 2009, p. 238).

(28) O celular descarregou a bateria.

Existe uma diferença entre os exemplos no que tange à concordância entre verbo e tópico. Nos exemplos em (25) e (26), percebe-se que o sintagma nominal deslocado à esquerda não desencadeia a flexão dos verbos. É que, nesses casos, os verbos *preferir* e *comer* já apresentam sua estrutura saturada, o que está evidenciado na realização plena do sujeito pronominal *eu* nos dois casos. Dessa forma, com a grade preenchida, o tópico deslocado à esquerda não desencadeia a flexão do verbo, pois esse já possui outro sintagma disponível para desempenhar tal função. Entretanto, nos casos em (27) e (28), nota-se que os sintagmas à esquerda da oração passaram a desencadear a flexão verbal, pois, nesses casos, os verbos parecem apresentar uma posição argumental disponível. Sendo assim, desencadeando a flexão do verbo, o tópico passa a ser também sujeito da oração. E a partir disso configura-se o tópico-sujeito dentro do que é previsto por Pontes (1987) e Galves (1998).

Os verbos climáticos têm apresentado a estrutura tópico-sujeito, pois esses verbos estão permitindo os sintagmas nominais gerados em adjunção na posição de sujeito. É o que se pode ver também nos exemplos em (29) e (30), ambos com o verbo *chover*, em que os sintagmas de tempo deslocados para a posição pré-verbal entram em concordância com o verbo:

(29) [Todos os dias] choveram muito. (Twitter)

TEMPO

(30) [Uns verões] chovem mais, outros menos. (Climatempo)

TEMPO

No que tange à relação entre verbos climáticos e tópico-sujeito, Pontes (1987) apresenta uma construção que envolve o verbo *ventar*, expressa em (31):

(31) Essa janela não venta muito. (PONTES, 1987, p. 35).

A frase em (31) evidencia a frequente ocorrência de um sintagma não preposicionado ser realizado anteposto ao verbo e desencadear a sua flexão. Mais construções confirmam essa tendência, como os casos em (32) e (33):

(32) [Algumas cidades] nevam no inverno, [outras] nunca fazem frio. (AustráliaGo)

LOCATIVO

LOCATIVO

(33) [Os dias] fazem sol, mas a noite (...) (Itrip)

TEMPO

Nos casos em (32) e (33), os verbos climáticos *nevar*, *fazer frio* e *fazer sol* são reali-

zados com sujeitos preenchidos. Acredita-se que esses sujeitos são frutos do deslocamento de termos adjungidos ao verbo, que, ao passar para a posição pré-verbal, desencadearam a flexão do verbo. A escolha de construções no plural reforça que há, realmente, a concordância entre o verbo e o sintagma nominal que o antecede, não deixando dúvidas de que há realmente um sujeito nas construções.

Esse tipo de construção, em que o adjunto movido para a posição pré-verbal desencadeia a flexão verbal, fora sinalizada também por Galves (1998), que mostra a possibilidade desse tipo de topicalização, em que o sintagma (antes) preposicionado ao ser movido para a posição preposta ao verbo pode perder a preposição e entrar em concordância com o verbo, o que lhe dá o estatuto de tópico-sujeito³. Exemplo proposto pela autora está expresso em (34).

(34) Esta casa bate muito sol. (GALVES, 1998, p. 19).

O exemplo de Galves (1998), apesar de não se tratar de um verbo climático, apresenta a possibilidade de um adjunto ser deslocado para uma posição argumental e se comportar como um sujeito. Essa tendência de construção parece acontecer em função da perda da preposição que atribui Caso Oblíquo aos sintagmas adjungidos. Para que não fique sem Caso, diante da impossibilidade do verbo atribuir caso Acusativo ao DP, a única solução é esse sintagma ir para a camada da flexão e entrar em concordância com o verbo, recebendo Caso Nominativo, estatuto de sujeito. Todos esses processos são justificados pelo Filtro do Caso, que, segundo Mioto *et al* (2007), é um princípio que garante que um DP pronunciado tem sempre de ter um caso. Exemplos como em (35) e (36) permitem visualizar como essa ideia se apoia nesse princípio e ajudam a explicar essa hipótese do movimento do adjunto para a posição de sujeito.

(35) a) [] Chove em Salvador. (Ordem canônica)
b) ? Chove Salvador.
c) [Salvador] chove. (ordem realizada – Twitter)

(36) a) Sempre [] chove no São João. (Ordem canônica)
b) ? Sempre chove [o São João].
c) [O São João] sempre chove. (Ordem realizada – Facebook)

Nos exemplos em (35) e (36), parecem acontecer os mesmos tipos de processo. Em (35a) e (36a), têm-se as frases em suas formas canônicas, em que o verbo *chover* não seleciona argumento, mas é realizado com um sintagma preposicionado em adjunção. Nesses casos, a preposição *em* é responsável por atribuir caso Oblíquo aos sintagmas *Salvador* e *o São João*, respectivamente.

³ Para Galves (1998), o tópico-sujeito difere-se do tópico canônico, pois há concordância com o verbo, mesmo que o elemento não tenha sido selecionado na grade argumental. Ao invés de ir para uma camada mais externa da sentença, a camada de CP, o elemento deslocado entraria numa posição mais interna, o Spec TP e desencadearia a flexão com o verbo, o que lhe dá estatuto de sujeito.

No segundo momento, em (35b) e (36b), estão as construções sem preposição e sinalizando também a impossibilidade de o verbo *chover* caso aos sintagmas. Por isso, coloca-se um julgamento de controverso, pois parece que há situações em que essas orações são liberadas.

Por fim, em (35c) e (36c), os DPs sem preposição foram movidos para a posição preposta ao verbo, pois esta parece ser a única posição disponível para esses DPs e, estando nessa posição, os DPs tendem a disparar a concordância com o verbo, recebendo caso Nominativo, o que lhes dá o estatuto de sujeito, atendendo assim a dois princípios: O Filtro do Caso e o Princípio de Projeção Estendido.

6. A *inversão locativa*

A segunda hipótese para o preenchimento do sujeito com verbos climáticos está relacionada a um movimento chamado *inversão locativa*, que, segundo Avelar (2009), diz respeito aos casos em que os constituintes locativos não argumentais ocorrem em posição de sujeito e podem desencadear a flexão do verbo. Avelar (2009, p. 232) apresenta exemplos em que os sintagmas submetidos à *inversão* entram em concordância com o verbo. Um desses exemplos está em (37):

- (37) a) Vende livro naquela loja.
 b) Naquela loja vende livro.
 c) Aquela loja vende livro.

Os exemplos acima envolvem o verbo *vender*, que seleciona um argumento externo, com função sintática de sujeito, e um argumento interno, com função sintática de objeto direto. Em (37a), a oração é realizada com o sintagma preposicionado *naquela loja*, em adjunção, posposto ao verbo e com papel temático de Locativo.

De acordo com Avelar (2009), em face da tendência de o PB evitar o verbo na primeira posição, são preferíveis construções, como (37b), em que o sintagma preposicionado locativo passa para a posição pré-verbal, podendo ou não disparar a concordância com o verbo.

Por fim, (37c) mostra o sintagma locativo numa posição argumental, sem preposição, comportando-se como o argumento externo e sujeito da oração, pois parece entrar em concordância com o verbo.

Avelar (2009) sugere que construções com verbos climáticos talvez tenham emergido dentro dos mesmos paradigmas das construções apresentadas por ele, em que “constituintes preposicionados não argumentais perdem a preposição e passam a ser realizados em posição pré-verbal e concorda com o verbo”. Por fim, apresenta a oposição das construções em (38) e (39):

- (38) [] Chove muito nas cidades do litoral paulista. (AVELAR, 2009, p. 247)

- (39) [As cidades do litoral paulista] chovem muito. (AVELAR, 2009, p. 247)

Com o mesmo padrão das frases apresentadas pelo autor, são encontradas outras construções que parecem seguir a mesma tendência. Essas construções estão apresentadas em (40) e (41):

(40) [Várias cidades gaúchas] também fizeram calor de trinta graus. (Climatempo)

(41) Enquanto [outras cidades] chovem, aqui em Valadares tá um calor bravo. (Twitter)

Os exemplos em (40) e (41) envolvem, respectivamente, os verbos *fazer calor* e *chover*, apresentando sintagmas locativos à sua esquerda e entrando em concordância com eles, para que não fiquem sem caso e não permitam o verbo na primeira posição da sentença.

7. Conclusão

Os dados analisados em relação aos verbos climáticos no português brasileiro, conforme demonstrado no desenvolvimento do presente texto, evidenciam uma tendência dessa língua ao preenchimento do sujeito, confirmando pesquisas na área, como a de Galves (1996) e a de Duarte (1996). Entretanto, destacam-se algumas estratégias de preenchimento da posição sujeito nesse tipo de construção: o tópico-sujeito e a inversão locativa.

Tanto o tópico-sujeito, seguindo a perspectiva de Galves (1998), quanto a inversão locativa, proposta de Avelar (2009), se assemelham em relação aos seus processos, pois, em ambas, a posição de sujeito (caso Nominativo) é *concedida* ao DP que é movido para a posição preposta ao verbo, disparando a concordância com ele.

Dessa maneira, os verbos climáticos estariam seguindo um padrão de reanálise do sujeito no PB, o que permite encontrar realizações como *Todas as cidades do Brasil fazem frio e a minha nesse calorão* ou *Apenas dois dias fizeram sol*, além das que foram apresentadas ao longo desse trabalho.

Referências

ARAÚJO, E. A. Construções de tópico, in: LUCCHESI, D; BAXTER, A; RIBEIRO, I. (org.). *O português afro-brasileiro*. Salvador: Edufba, 2009, p. 232-250.

AVELAR, J. O. Inversão locativa e sintaxe de concordância, *Matraga*. Rio de Janeiro, v. 16, p. 232-252, 2009.

BERLINCK, R.; DUARTE, M. E. L.; OLIVEIRA, M. Predicação, in: KATO, M.; NASCIMENTO, M. (org.). *Gramática do português falado culto no Brasil*. Campinas: Editora da Unicamp, 2009, p. 101-188.

CHOMSKY, N. *New horizons in the study of language and mind*. Cambridge: University Press, 2000.

DUARTE, M. E. L. Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português brasileiro, in: ROBERTS, I. & KATO, M. (org.). *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. 2 ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1996, p. 107-128.

DUARTE, M. E. L. O sujeito expletivo e as construções existenciais, in: RONCARATI, C. & ABRAÇADO, J. (org.). *Português brasileiro: contato linguístico e história*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2003, p. 123-131.

DUARTE, M. E. L. Termos da oração, in: BRANDÃO, S. F. & VIEIRA, S. R. *Ensino de gramática: descrição e uso*. São Paulo: Contexto, 2007. p. 185-204.

GALVES, C. M. C. Do O enfraquecimento da concordância no português brasileiro, in: ROBERTS, I. & KATO, M. (org.). *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. 2 ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1996.

GALVES, C. M. C. Tópicos, sujeitos, pronomes e concordância no português brasileiro. *Cadernos de estudos linguísticos*. Campinas, v. 34, p. 7-21, 1998.

GALVES, C. M. C. *Ensaio para uma gramática do português*. Campinas: Editora da Unicamp, 2001. 280p.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital, in: MARCUSCHI, L. A. & XAVIER, A. C. (org.) *Hipertexto e gêneros digitais*. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2004.

MIOTO, C.; FIGUEIREDO SILVA, M. C.; LOPES, R. E. V. *Novo manual de sintaxe*. 3 ed. Florianópolis: Insular, 2007. 280p.

PERINI, M. A. *Gramática descritiva do português*. São Paulo: Ática, 1995. 380p.

PERINI, M. A. *Para uma nova gramática do português*. São Paulo: Ática, 1985. 94p.

PONTES, E. *O tópico no português do Brasil*. Campinas: Pontes, 1987. 170p.

SCARPA, E. M. Aquisição da linguagem, in: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (org.). *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. São Paulo: Cortez, 2001, p. 203-232.

SILVA, C. R. T.; FARIAS, J. G. O fenômeno da inacusatividade no português: por uma análise léxico-sintática dos verbos do tipo. *Veredas*. Juiz de Fora, v. 15, p. 1-15, 2011.